



**URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**

**Lucas Barbosa de Santana; Rafael Alves Orsi**

lucas.santana@gestaopublica.etc.br; rafael.a.orsi@unesp.br | Universidade Estadual Paulista

## **A arte urbana no centro histórico das cidades médias: O grafite em Araraquara/SP**

**Urban art in the historical center of the medium cities:  
The graffiti in Araraquara/SP**

**La arte urbana en los centros históricos de las ciudades medianas:  
El graffiti en Araraquara/SP**

Resumo | Abstract | Resumen

### **Introdução**

Este artigo apresentará ao longo de suas reflexões interações entre o espaço social e a arte, com foco no grafite, relacionando-os e evidenciando possibilidades de ressignificação dos espaços sociais, desvendando o pressuposto de que a arte pode ser um mecanismo que altera significados de espaços desumanizados.

A organização social nas cidades passou por uma intensa transformação, sobretudo a partir do século XX. Viver em sociedade significa também estar em rede<sup>1</sup>, participar de dinâmicas coletivas.

<sup>1</sup> Segundo Castells (1996) o desenvolvimento das tecnologias a partir da década de 1970 e seus impactos nas relações humanas estabeleceu uma rede que configura as relações humanas na contemporaneidade.

Dessa forma, podemos verificar que o ser humano não age individualmente, toda sua interferência na dinâmica social está impregnada pelas suas percepções e experiências adquiridas em grupo.

A dinâmica social nas cidades e em todo o mundo está dividida em grupos, religiosos, políticos, culturais. Essas organizações apresentam uma característica semelhante entre si: Todas geram distintas formas de organização, pensamento e linguagem. O que também significa uma imensa distinção entre os indivíduos e os grupos em sociedade, apresentando-nos justamente a ideia de que a sociedade é também uma intensa dinâmica conflitiva. Os indivíduos atribuem significados às suas experiências, e muitas vezes estes significados podem resultar em posições antagônicas e hierárquicas entre os diferentes grupos. Justamente essa dinâmica é que representa as formas de agir dos indivíduos em sociedade, como afirma Mannheim:

Estas pessoas, reunidas em grupos, ou bem se empenham, de acordo com o caráter e a posição dos grupos a que pertencem, em transformar o mundo da natureza e da sociedade a sua volta, ou, então, tentam mantê-lo em uma dada situação. (MANNHEIM, 1972, p. 32)

Deste modo, as formas de organização social, sobretudo em grandes centros urbanos (local de maior aglomeração e interação de grupos), tendem a se movimentar para maximizar interesses e garantir sua posição de domínio.

Ao analisarmos as considerações anteriores, trazemos para o centro da discussão sobre as dinâmicas sociais no espaço urbano os conflitos existentes entre os diversos grupos, conflitos que, por natureza, balizarão os modelos de ocupação e de uso desses espaços, já que, na ordem social estabelecida, o domínio de certos grupos ou indivíduos sobre outros ocorrem em várias esferas, já mencionadas anteriormente. É neste debate que pretendo investigar como uma forma não dominante de agir (o grafite como arte urbana

nas cidades médias), pode se manifestar e até mesmo transformar e ressignificar o uso desses espaços.

As cidades brasileiras passaram (e ainda passam) por um intenso processo de segmentação socioespacial, o que pode nos levar à ideia de tensionamento das relações estabelecidas no cerne dessas cidades, sobretudo no que se referem às organizações sociais, políticas e culturais.

Diferentes partes do espaço urbano estão diretamente relacionadas à noção de mercadoria, e a exploração mercadológica desses espaços é cada vez mais natural dentro de grandes centros urbanos, onde um intenso processo de desumanização dos espaços se cristaliza, o que nos mostra a tensão entre os grupos que lutam pelo direito à cidade, sobretudo nos espaços dominados pelo capital, como podemos verificar com Sanfelici:

Em uma escala mais abrangente, torna-se cada vez mais evidente que certas cidades têm conseguido prosperar ao conseguir tirar proveito (vendendo como mercadoria) de especificidades histórico-culturais ou naturais (os exemplos são muitos, desde Paraty (RJ) até Bonito (MS)). Outras cidades conseguem até mesmo criar estas especificidades. (SANFELICI. 2009. p24.)

Ainda que as grandes cidades consigam individualizar as pessoas, a organização em grupos não deixa de ser uma realidade. Como afirma Simmel (1973, p. 23) “o desenvolvimento da cultura moderna é caracterizado pela preponderância do que se poderia chamar de o ‘espírito objetivo’ sobre o ‘espírito subjetivo’”. Os indivíduos em sociedade possuem dificuldade em diferenciar o que pertence a ele e o que pertence a todos, logo, a realidade conflituosa em sociedade pode representar um difícil processo, já que é fundamental a coletivização e organização social para se viver a cidade.

A organização em sociedade requer um intenso esforço de orientação social, uma ciência capaz de decifrar os complexos moldes da vida urbana, descrita por Lefebvre:

A realização da sociedade urbana exige uma planificação orientada para as necessidades sociais, as necessidades da sociedade urbana. Ela necessita de uma ciência da cidade (das relações e correlações na vida urbana). Necessárias, estas condições não bastam. Uma força social e política capaz de operar esses meios (que são mais do que meios) é igualmente indispensável. (LEFEBVRE. 2011, p. 138)

É indispensável o estudo das relações estabelecidas nas sociedades urbanas, para a proposição de novas formas de se relacionar com o meio, de modo que possamos, inicialmente, entender como se dão as relações sociais dentro destes espaços, para que então, munidos de referenciais sólidos, sejamos capazes de postular alternativas e entender dinâmicas de marginalização e de exclusão de grupos e indivíduos antagônicos ao processo de domínio social e cultural já estabelecido no meio urbano. Desta forma, como apontado por Lefebvre, é fundamental uma ciência que estude o urbano, estudos que se debruçam sobre as complexas formas de organização social nas grandes, médias e pequenas aglomerações urbanas.

A organização social no espaço urbano também pressupõe a necessidade de garantir um direito coletivo à cidade, e não um aglomerado de direitos individualizados. O diálogo entre os diversos grupos que compõem esta dinâmica é evidente, ao passo que as tentativas mais justas e corretas de organizações urbanas devem buscar humanizar os espaços e diminuir a mercantilização urbana. A resignificação do espaço é fator indispensável para a retomada de uma dinâmica social coletiva no seio das cidades, a fim de diminuir os conflitos e transformar, em todas as esferas, as operações sociais estabelecidas, sobretudo aquelas que se impõem de maneira negativa, onde seu predomínio nada mais propõe se não o uso cada vez mais mercantilizado do espaço, causando sua consequente desumanização.

A cidade se apresenta através de um conjunto de símbolos que se transformam e se manifestam de distintas formas, se

encontram e representam os inúmeros meios de manifestação dos processos urbanos:

A cidade polifônica - significa que a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionando-se, sobrepõe-se umas às outras, isolam ou se contrastam. (CANEVACCI, 1997, p.17)

A arte pode ser compreendida como uma forma milenar de comunicação, que se apresenta desde os tempos antigos, como nas organizações gregas e egípcias. A sociedade moderna desenvolveu novas formas de comunicação, conhecidas e estáveis, tidas como elementos fundamentais para a troca de informações, entre receptor e locutor, nos processos modernos de comunicação. Contudo, existem novas formas de comunicação no tempo presente, muitas vezes não compreendidas como meios de comunicação, como, por exemplo, o grafite. Este meio de troca é muitas vezes tido como informal, mas que possui impacto certo na configuração dos espaços onde são inseridos, alterando mesmo que de maneira simbólica, as dinâmicas hegemônicas existentes.

Este artigo está dividido de forma simples, porém com sequência lógica e cognitiva, para que o leitor seja capaz de absorver e compreender a disposição e a importância das ideias e fatos apresentados. No primeiro capítulo, será feita uma contextualização acerca da história do grafite e como esse tipo de arte urbana se consolidou nas cidades, principalmente na era moderna. Já no segundo capítulo, pretendo apresentar como o grafite no centro histórico de Araraquara se apresenta como forma de alteração desse espaço, sobretudo quanto a sua funcionalidade e significado. Por fim, realizo as considerações finais deste trabalho, apresentando algumas das constatações deste texto.

Tal qual Santos (2008) e Moreira (2010) entende-se que o espaço é um construto social e sua compreensão passa pela análise dos processos atuantes em múltiplas dimensões sobre espaço. Desse

modo, foram de grande importância neste projeto de pesquisa as análises de campo, sobretudo através de questionários para os observadores e para os grafiteiros. Desse modo, foi possível observar as percepções desses atores em relação ao espaço urbano, particularmente suas percepções em relação ao grafite.

De certa forma, estabelecer um nexo espacial no centro histórico de Araraquara foi fundamental para compreender como o grafite se dispõe neste espaço e de que forma esses signos alteram a dinâmica social nos espaços analisados. O que podemos perceber com estas análises, foi que o grafite exerce um papel extremamente decisivo onde ele se insere, sobretudo ao analisarmos a ótica dos observadores, que insistentemente, durante a análise dos questionários, pontuam que gostariam de ver o grafite mais presente na cidade de Araraquara.

O desenvolvimento do mapeamento dos grafites também foi metodologia fundamental para verificar quais artistas estão presentes na região central do município. Entende-se centro histórico pela delimitação determinada pela Lei Municipal Complementar Nº 850/2014 que institui o Plano Diretor do Município de Araraquara. A delimitação e posterior análise da incidência da arte nesse espaço foi estudo inicial para que os pesquisadores pudessem ter como ponto de partida um espaço delimitado, com amplo conhecimento acerca da localização onde desenvolveria a análise.

### **História do grafite e sua disposição nas cidades**

O grafite surgiu como uma forma de manifestação artística e cultural em meados da década de 1970 nos Estados Unidos. Inicialmente, apresentou-se como um movimento de periferia, que percorria diversos locais tentando mostrar aspectos cotidianos da vida nas comunidades, sobretudo em relação a marginalização dos indivíduos que residem nestas localidades.

Devido ao conteúdo geralmente crítico dessas manifestações artísticas, corriqueiramente estão relacionadas a algum movimento de rua ou grupo, como o Hip Hop, por exemplo, expoente fundamental do grafite. É por conta dessa influência do Hip Hop que o grafite passa a assumir formas mais americanizadas no Brasil, com letras coloridas e desenhos estilizados. Sobre o Grafite e o Hip Hop, Tijoux, Facuse e Urritia fazem importantes considerações:

El grafiti forma parte del Hip Hop, pero a veces parece darse por fuera del mismo, en razón de su fuerza pictórica. Comenzó por mostrar el arte que reivindicaba situaciones cotidianas, culturales y políticas pintadas en los muros con aerosol, rodillo o pincel, asociados al movimiento para luego impregnarse del entorno y dejar inscrita una marca particular. Es una técnica muy elaborada que precisa de habilidad, creatividad y preocupación por el detalle que obliga al control del espacio y de diversos métodos artísticos (TIJOUX, FACUSE e URRITIA, 2012. p443.)

No Brasil o grafite tem início em meados da década de 1970 no Estado de São Paulo. Hoje é uma arte extremamente difundida por todo o Brasil em grandes e médias cidades. Inicialmente, na cidade de São Paulo, temos um movimento de Pichação que era muito comum nas vias públicas, sobretudo em regiões centrais da cidade, como formas de manifestação política e cultural. Celso Gitahy (1999) comenta que, antes da manifestação do grafite na cidade, havia certo tipo de manifestação diferenciada, conhecida como *grapicho* que se tratava “basicamente, de pichações mais coloridas, não tão elaboradas como as estrangeiras, porém já não eram simples ‘pichos’”.

Na cidade de Araraquara, o grafite começa em meados da década de 1990 e tem como principal expoente o grupo “Peritos”, que apresentavam sua arte em diversos locais da cidade, geralmente com um estilo mais infantil, apresentando personagens como o Pernalonga e outros.

A forma de organização das cidades e dos grandes centros urbanos mostra que, de certa forma, as manifestações artísticas de rua passam a ser marginalizadas, (criminalizadas em alguns casos). O que intervém de forma (por vezes) rude na paisagem e no patrimônio público e privado, passa a não ser bem visto e carrega um estigma social extremamente forte, o que pode resultar na acentuação do processo de marginalização dessas manifestações ou aumentar empecilhos para a concretização dessas intervenções.

As formas de manifestação dos diferentes grupos de grafiteiros são distintas, o que faz com que cada um desses grupos, ou indivíduos, possua uma marca única, sejam os traços diferenciados das próprias imagens, ou a “assinatura” desses grafiteiros, que também são particularidades dessas manifestações artísticas. As tags<sup>2</sup> ou crews<sup>3</sup> geralmente estão dispostas na parte inferior dos grafites, e estão delimitando também o final da arte.

Estes artistas procuram não reproduzir o *status quo* ou as relações de dominação existentes nos centros urbanos, já que suas formas de comunicação e de intervenção buscam, como já explicitadas, apresentar meios de questionar e até mesmo infringir as regras sociais dominantes. Como afirma Lefebvre:

Trata-se de uma aparência caricata de apropriação e de reapropriação do espaço que o poder autoriza quando permite a realização de eventos nas ruas: carnaval, bailes, festivais folclóricos. Quanto a verdadeira apropriação, a da “manifestação” efetiva, é combatida pelas forças repressivas, que comandam o silêncio e o esquecimento. (LEFEBVRE, 2004, p 31.).

Lefebvre nos mostra que a realidade dos indivíduos que transformam e questionam a dinâmica social dominante nas cidades é extremamente tensa, já que suas metodologias de expressão são contraditórias e por vezes consideradas subversivas, o que nos leva a

---

<sup>2</sup> É a assinatura do grafiteiro, geralmente surge em manifestações individuais do grafiteiro

<sup>3</sup> É a assinatura de um grupo de grafiteiros, geralmente aparece em manifestações coletivas, de grupos ou mais de um indivíduo.

um novo ponto: A real apropriação coletiva das cidades ainda está atrelada aos meios moralmente corretos, mas, sobretudo, a apropriação do espaço urbano está ligada a uma simples equação: Quem desfrutará deste espaço e quanto poderá pagar.

### **O grafite no centro histórico de Araraquara**

A escolha das cidades médias como laboratório e foco desta pesquisa decorre do fato de que os estudos urbanos estão sempre empenhados em desvendar as complexas dinâmicas das grandes cidades, deixando de lado importantes reflexões sobre a organização do espaço social e da arte nas pequenas e médias cidades, que também apresentam intrigantes características imbricadas em suas dinâmicas urbanísticas, como afirmam Dantas e Clementino (2013): “É notória a existência de uma gama de análises referentes às metrópoles e às grandes cidades, o que não ocorre da mesma forma com as cidades menores.”

Barbosa (1998) afirma que o centro histórico de Araraquara é conhecido pelo seu protagonismo quanto à circulação de bens e materiais, sobretudo pela presença da estação ferroviária, que facilitava a chegada e saída de produtos da região, contudo, o espaço tem vivido um grande esvaziamento. Araraquara apresenta inúmeras particularidades que devem ser apontadas antes de trabalharmos a dinâmica das manifestações artísticas neste espaço.

A primeira delas é o fato do centro histórico ter passado por recentes remodelações e readequações do viário público, com intuito de melhorar a cidade e garantir uma melhor experiência para os cidadãos araraquarenses. Entretanto, as políticas urbanísticas aplicadas nestes espaços, por vezes, não o tornam mais adaptado a receberem pessoas (embora tenham sido desenvolvidos para isso), pois a lógica urbanística utilizada é a de fazer conviverem pedestres e veículos automotores. Essa estratégia por vezes é a mais buscada

pelos que planejam estas políticas de intervenção urbanística, entretanto, a diminuição do espaço dos veículos automotores sem que haja uma melhoria das condições de uso reais do pedestre nestes espaços (calçadas, acessos, travessia, transporte público e outros), pode trazer um efeito contrário nessas situações, visto que o transporte passará a competir por espaço com os pedestres, causando uma experiência extremamente desagradável aos pedestres nestas localidades.

Outro fator fundamental ao analisarmos este tipo de alteração do espaço urbano central, é o fato de que essas localidades estão extremamente poluídas visualmente, principalmente pela “*luta dos outdoors*” existentes nestas áreas. Ou seja, de forma mais direta, estes espaços, como o centro de Araraquara, não são adequados para *viver*<sup>4</sup>, ou encontrar áreas para lazer, tornando-se lugares de mero uso para trocas de capital, como afirma Carlos (2007) “O lazer na sociedade moderna também muda de sentido [...] que passa a ser cooptado pelo desenvolvimento da sociedade do consumo, que tudo que toca vira mercadoria.”

Estes espaços, extremamente vulnerabilizados e transformados em meros reprodutores da ordem capitalista imposta, são também ambientes de certa resistência a intervenções que buscam os humanizar. Desse modo, compreendemos que o grafite enquanto arte de rua, extremamente marginalizada e fora do contexto de reprodução capitalista desses espaços, também está sujeito às inúmeras resistências impostas a essas novas formas de organização e ocupação, seja pelas distintas organizações culturais, sociais ou políticas que exercem domínios sobre essas regiões ou pela condição estigmatizada que domina este tipo de manifestação artística e cultural.

---

<sup>4</sup>Viver o espaço urbano se trata de um processo tratado por CARLOS (2007). Sendo o lugar apreendido pelos indivíduos através das relações entre eles e dos próprios indivíduos com o espaço, o que nos mostrará os modos de uso e apropriação desses espaços. E serão através dessas experiências que o espaço poderá ser vivido e sentido pelos indivíduos.

O centro histórico de Araraquara reproduz essas dinâmicas, pois apresenta um significativo distanciamento entre as manifestações artísticas, o que no limite pode representar a dificuldade de ocupação do espaço por esse tipo de arte. A configuração do centro histórico de Araraquara também não colabora para a sua apropriação pela arte, já que estes locais estão repletos de instrumentos e materiais que impossibilitam o manuseio e aplicação do grafite, além da excessiva proximidade dos prédios e da quantidade imensa de *outdoors* existentes nessas localidades. Chegamos à reflexão de que o grafite além de não ser bem vindo, também é inviabilizado nessas áreas da cidade, já que apenas algumas poucas áreas estão realmente dispostas de grafite.

Outro fator de imprescindível análise quanto à disposição do grafite no centro de Araraquara é a percepção dos moradores da cidade. Segundo relatos através de pesquisa de campo, foi possível perceber que o grafite, percebido enquanto arte é extremamente aceito pela população, mas é corriqueiramente estigmatizado e entendido como vandalismo ou forma de depreciar a propriedade alheia. Essas considerações nos trazem a evidente posição marginalizada (não só social, mas também cultural) que o grafite adquire nas simbologias regionais, principalmente pelo fato de ser um tipo de arte atrelada a culturas já estigmatizadas e marginalizadas, como o *hip hop* e o *picho*. É essa a reprodução percebida no centro histórico de Araraquara, que além de reiterar a literatura explorada nos mostra que a aceitação do grafite pela população é grande, contudo, a falta de informação e o senso comum acabam reforçando a resistência desse tipo de arte na cidade de Araraquara e, no limite, em boa parte do Brasil.



Figura 1: Centro Histórico de Araraquara.

Fonte: Acervo Próprio. 2017.



Figura 2: Centro Histórico de Araraquara.

Fonte: Acervo Próprio. 2017.



Figura 3: Centro Histórico de Araraquara.

Fonte: Acervo Próprio. 2017.

As imagens acima representam uma sequência de *tags* em diferentes partes do Centro Histórico de Araraquara, o que delimita um campo de atuação deste grafiteiro/pichador, área que por vezes trará uma série de particularidades estéticas que são marcas dos artistas.

O grafite em Araraquara, por vezes, é muito influenciado por iniciativas de comunidade ou pelo poder público municipal. A existência de projetos como o “Arte na Via” e o “Espaço da Arte” nos apontam isso.

O projeto “Arte na via” se trata de uma iniciativa da prefeitura de Araraquara para alterar parte da estética do viário urbano da via expressa municipal. Esse projeto ocorreu em 2017 e contou com a participação de diversos grafiteiros, que utilizaram dos muros do local para expressar a arte que desenvolvem em suas comunidades ou grupos. O projeto contou com um grande aparato, onde não houve só o grafite como manifestação artística, mas também música dança e outros. O evento marcou o município, principalmente grupos jovens, que puderam participar e ter contato com esse tipo de manifestação, dificilmente encontrado na cidade de Araraquara. Oliveira (2017) afirma que o local onde ocorreu o projeto “Pode se tornar um *‘point’* na cidade” e que “O mural ganhou desenhos de vários artistas diferentes”.



Figura 4: Grafites do Projeto “Arte na Via” - Centro Histórico de Araraquara.

Fonte: Acervo Próprio. 2018

O projeto “Espaço da Arte” se trata de grandes áreas destinadas a manifestação artística na cidade, geralmente próximas a muros ou áreas abandonadas do município, sobretudo nas proximidades da linha férrea de Araraquara, que geralmente é marcada por áreas desocupadas e de grande degradação visual. A implementação desse tipo de iniciativa nesses espaços não só alteram a qualidade visual do ambiente mas também simbólica, já que os indivíduos passam enxergar aquele espaço com alguma finalidade, sem que seja apenas um espaço vazio e sem valor dentro da cidade.



Figura 5: Grafite do projeto “Espaço da Arte” - Centro Histórico de Araraquara  
Fonte: Acervo Próprio. 2018.

O importante é ponderarmos que estes eventos trazem novas perspectivas aos espaços antes abandonados ou com uso restrito, e isso leva a cidade a uma nova forma de desenvolvimento, aquele que está relacionado ao aprimoramento das condições de vida dos indivíduos nas cidades. O fato de jovens, adultos e crianças se reunirem para organizar e viver a cidade é extremamente importante, já que as pessoas passam a participar das dinâmicas da cidade, interessando-se pelos aspectos que permeiam o ambiente social onde vivem.

Santos (2008) afirma que a cidade é construída socialmente, ou seja, sua organização depende da interação dos indivíduos com o meio em que vivem, e sua apreensão ocorre quando analisamos os processos que se estabelecem na dinâmica da cidade. Desse modo, entendemos que a expressão dos grafites na cidade de Araraquara representam uma forma de interação dos indivíduos com o meio em que estão inseridos e que essa expressão representa alterações na

dinâmica da cidade, como aponta Gitahy (1999): “Tanto o grafite quanto a pichação usam o mesmo suporte - a cidade - e o mesmo material (tintas). Assim como o grafite a pichação interfere no espaço, subverte valores, é espontânea, gratuita e efêmera.” Os eventos promovidos em Araraquara, bem como o interesse da população na arte de rua, podem representar o início de uma alteração da percepção sobre o grafite, já que a produção artística e cultural incentiva a participação coletiva.

A cidade de Araraquara apresenta um viés mais conservador em diversos aspectos, sobretudo aqueles relacionados à cultura e a arte. A presença maciça de universitários na cidade, por vezes, pode atenuar esse caráter mais resistente a esse tipo de manifestação. Alguns dos artistas de rua estudados, inclusive, são estudantes universitários e pertencem a grupos ou movimentos culturais da cidade, onde foram introduzidos ou até mesmo criadores de grupos para promover intervenções artísticas e culturais na cidade de Araraquara. A participação de jovens na promoção de atividades artísticas e culturais tem sido preponderante para a afirmação do grafite e de novos modelos de ocupação urbana, tornando-os protagonistas destes novos movimentos, onde a cidade se torna um espaço feito pelas pessoas e, principalmente, feito para elas.

As análises dos questionários aplicados aos observadores e aos grafiteiros trouxeram elementos fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa, sobretudo quanto à percepção dos cidadãos araraquarenses acerca do grafite na cidade. Inicialmente, os observadores apontam, de modo geral, que o grafite é uma expressão artística que deve ser valorizada e que embeleza os espaços urbanos antes “vazios”, este apontamento nos leva ao pressuposto de que o grafite é capaz de alterar a percepção dos indivíduos sobre o espaço, sobretudo quando este espaço apresenta um grau anterior de grande deterioração visual. A partir desta análise, foi possível verificar que os observadores percebem um forte vínculo do grafite com o conceito estético de beleza, o que de certa

forma, diminui a resistência desses observadores a aplicação do grafite nos espaços municipais.

De um modo mais generalista, os observadores também mostram uma visão extremamente negativa quanto ao picho, e diversas vezes fazem a diferenciação do que é grafite e do que é picho e de que forma cada um altera o visual urbano no centro histórico de Araraquara. A observadora 1, ao ser indagada sobre como classifica determinado grafite no centro histórico de Araraquara, comenta “São vários grafites, lindos...Acho muito bom que estejam aqui” e ainda, quando indagada se o grafite chama sua atenção nas ruas, comenta: “Sim, uma pena que às vezes tem muita pichação e ai estraga tudo.” Dessa forma, é possível verificar que os observadores indicam preferências e associam outras manifestações, por vezes mais incisivas, como o picho, como forma de depredação do patrimônio.

Outro fator extremamente fundamental que pôde ser analisado a partir dos relatos dos observadores foi o fato dos indivíduos pararem, observarem e sentirem a arte nas ruas, o que por vezes aponta para uma alteração do uso e ocupação do espaço urbano. O entrevistado 2 quando questionado se o grafite chama a sua atenção, comenta “Chama... eu gosto de ver esse tipo de arte nas ruas”.

Segundo Santos (1996), os espaços se tratam de manifestações sociais das experiências humanas adquiridas, e dessa forma, a cidade não representa apenas uma forma física de organização, mas também de significação humana. Os sujeitos não são passivos no espaço, tampouco o contrário, há uma troca significativa de experiências, capaz de alterar sentidos e percepções, e essa dinâmica ocorre, em Araraquara, decorrente das manifestações artísticas analisadas.

É nesse sentido que podemos analisar a forma como os grafiteiros enxergam a manifestação do grafite nas ruas de Araraquara, de modo geral, entendem o grafite como uma forma de

expressão e de contrariar a lógica imposta nos centros urbanos. O grafite para os artistas possui um sentido que vai além daquele que está atrelado as artes cotidianas, comuns e socialmente aceitas, ele representa uma forma de emancipação e de ressignificar o lugar desses sujeitos no mundo, sobretudo quando as formas de organização social não compreendem de forma clara o papel deste tipo de arte nos centros urbanos. De certo modo, os artistas envolvidos neste processo são bem mais que sujeitos buscando exprimir sua arte ou suas ideias nos centros urbanos, eles são também agentes transformadores das realidades sociais consolidadas nestas cidades.

(...) tais práticas artísticas podem contribuir para a compreensão de alterações que ocorrem no urbano, assim como podem rever seus próprios papéis diante de tais transformações: quais espaços e representações modelam ou ajudam a modelar, quais balizas utilizam em suas atuações nesse processo de construção social. (PALLAMIN, 2000 p.19)

O grafite exercerá função muito mais desafiadora que pura e simplesmente a estética, desempenhará papel de ressignificador de sentidos e de impressões, muitas vezes trazendo para dentro dos espaços urbanos o sentido de vivência do espaço público, perdido pelo momento hipermoderno em que vivemos.

### **Considerações finais**

Desenvolver esta pesquisa foi desafiador, sobretudo pela necessidade de desbravar a cidade de Araraquara e transformá-la em laboratório de pesquisa, além de conhecer pessoas e vivências extremamente distintas e percepções sobre a cidade muito diversificadas.

A compreensão das relações artísticas e culturais no espaço urbano é fundamental para que o possamos analisar e propor alternativas viáveis aos processos intermitentes de desgaste das

relações humanas, sobretudo para que consigamos compreender o caráter das políticas de intervenção urbanas, especialmente as que afetam os grupos sociais marginalizados. Esta pesquisa aponta que as manifestações artísticas desses grupos são expressões que defrontam a realidade socioeconômica imposta, questionando-a e impondo aos indivíduos dos centros urbanos (mesmo que de forma sucinta) uma reflexão extremamente profunda acerca da realidade social a qual todos estamos inseridos.

A realidade social que geralmente permeia os grafiteiros é complexa, muitas vezes a falta de recursos e de meios para trabalhar ou participar de/com intervenções artísticas culmina por desmotivar ou inviabilizar que esses grupos ou indivíduos permaneçam na cena da arte de rua urbana. Certamente este é um dos principais fatores impeditivos para o aumento deste tipo de intervenção nas cidades, sobretudo as médias.

É fundamental termos a percepção de que a dominação cultural, política e social nas cidades contemporâneas está intimamente relacionada ao modo de produção e de reprodução da vida nas cidades capitalistas. Desse modo, as imposições de práticas de conduta e de organização social estão fortemente arraigadas nesses contextos urbanos, que sofrem com a dificuldade de romper com a lógica de uso do espaço como mera ferramenta de reprodução capitalista.

O grafite é, assim como diversas outras formas de manifestações artísticas e culturais, um meio que pretende romper essa dinâmica corrosiva, que destrói a vida em comunidade e que tenta dismantelar todas as organizações sociais que buscam por uma cidade para pessoas. Entender o papel do grafite neste processo é um trabalho árduo, que requer grande atenção aos detalhes e ao cotidiano das pessoas que convivem nesta dinâmica social. Quando percebemos que as pessoas param, percebem, interessam-se, refletem em um espaço urbano, vemos um sinal claro de

transformação (ou de tentativa) das categorias simbólicas e sociais daquele espaço. Mesmo que aquele espaço permaneça reproduzindo aquilo que usualmente reproduz (e o foi planejado para isso), o que nos interessa é buscar reminiscências do laço entre as pessoas e a cidade, entre o tempo e o lugar. O objetivo deste projeto foi mostrar que as intervenções urbanas, como o grafite, que buscam resgatar o elo entre as pessoas e o espaço são expressões latentes de que realmente vivemos e reproduzimos o lugar em que estamos, e a forma como vivemos este lugar depende unicamente de um único ator, a essa altura, acredito que seja evidente para o leitor.

## Referências

- BARBOSA, C. Centro de Araraquara vive esvaziamento. **Jornal folha de São Paulo**. Ribeirão Preto – SP. 1998.
- CANEVACCI, M. **A cidade polifônica: Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. Tradução Cecília Prada, 2ª ed. São Paulo, Studio Nobel, 1997.
- CASTELLS, M. **The rise of the network society**. Cambridge: Blackwell Publishers, 1996.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.
- CLEMENTINO, M. L. M. e DANTAS, J. R. Q. O papel das cidades (inter) médias para o desenvolvimento regional: um estudo a partir dos centros sub-regionais (Pau dos Ferros-RN, Cajazeiras-PB e Sousa-PB). **Geo UERJ** - Ano 15, nº. 24, v. 1, 1º semestre de 2013 p. 228-255
- GITAHY, C. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- HARVEY, D. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes. 2014.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro. 2011.
- MANNHEIM, K. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- MOREIRA, J. O. Produção do espaço urbano, reprodução social da moradia e desigualdades socioespaciais em cidades pequenas paulistas: Os casos de capão bonito e buri. **Anais XVI ENG**. Porto Alegre, 2010.
- OLIVEIRA, W. Arte na via cresce e leva cor e cultura para embaixo do terminal. **Jornal Acidade**. Araraquara. 2017.
- PALLAMIN, V. M. **Arte Urbana**. São Paulo. Fapesp. 2000.
- SANFELICI, D. M. **A produção do espaço como mercadoria: novos eixos da valorização imobiliária em Porto Alegre/RS**. 2009 Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – USP. São Paulo. 2009.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp. 2008.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar. 1973.
- TIJOUX, M. E. FECUSE, M. e URRUTIA, M. El Hip Hop: ¿Arte popular de lo cotidiano o resistencia táctica a la marginación?. **Polis**. Universidad de Chile. Santiago. nº33. 2012. Publicado 23/03/2013.

## Resumo

A presente pesquisa tem como orientação principal a arte urbana no centro histórico das cidades médias, especificamente, analisando o grafite e as nuances de suas manifestações no corpo urbano da cidade de Araraquara. Este artigo apresentará o trabalho desenvolvido pelos pesquisadores durante um ano de pesquisa acadêmica. A arte urbana é, notavelmente, matéria de inúmeros estudos no campo das Ciências Humanas de forma geral, entretanto, há certa hesitação, por parte dos pesquisadores brasileiros, em analisar as dinâmicas sociais impostas às cidades médias, que representam boa parcela dos municípios brasileiros, neste rol, estão incluídos também os estudos sobre arte urbana no espaço dessas cidades. Deste modo, tivemos como fio condutor e instigador a necessidade de compreender algumas das dinâmicas impostas a estes espaços, que, sobretudo, são espaços em disputa, disputa pelos mercados locais, pela população, mercado imobiliário, setor público, e a própria arte. Nesta dinâmica é fundamental analisar como a arte urbana sobrevive, como é capaz de alterar significados e imprimir marcas nos indivíduos num urbano em disputa.

**Palavras-chave:** Arte Urbana. Centro Histórico. Cidades Médias. Araraquara. Grafite.

## Abstract

This research has as main orientation the urban art in the historical center of the medium cities, specifically, analyzing the graffiti and the nuances of its manifestations in the urban body of the city of Araraquara. This article will present the work developed by researchers during one year of academic research. Urban art is, notably, the subject of countless studies in the field of the Humanities in general, however, there is some hesitation on the part of Brazilian researchers to analyze the social dynamics imposed on medium-sized cities, which represent a good portion of Brazilian municipalities. This list also includes studies on urban art in the space of these cities. Thus, we had as a guiding and instigating thread the need to understand some of the dynamics imposed on these spaces, which, above all, are disputed spaces, disputed by local markets, by the population, real estate market, public sector, and art itself. In this dynamic it is essential to analyze how urban art survives, how it is able to change meanings and imprint marks on individuals in a disputed urban.

**Keywords:** Medium cities. Urban Art. Historical Center. Graffiti.

## Resumen

Esta investigación tiene como orientación principal el arte urbano en el centro histórico de las ciudades medianas, específicamente, analizando el graffiti y los matices de sus manifestaciones en el área urbana de la ciudad de Araraquara. Este artículo presentará el trabajo desarrollado por investigadores durante un año de investigación académica. El arte urbano es, en particular, el tema de innumerables estudios en el campo de las Humanidades en general, sin embargo, existe cierta renuencia por parte de los investigadores brasileños para analizar la dinámica

social impuesta en las ciudades medianas, que representan una buena parte de los municipios brasileños. Esta lista también incluye estudios sobre arte urbano en el espacio de estas ciudades. Por lo tanto, teníamos como hilo conductor e instigador la necesidad de comprender algunas de las dinámicas impuestas en estos espacios, que, sobre todo, son espacios disputados, disputados por los mercados locales, por la población, el mercado inmobiliario, el sector público y el arte mismo. En esta dinámica, es esencial analizar cómo sobrevive el arte urbano, cómo puede cambiar los significados y las marcas de impronta en los individuos de una ciudad en disputa.

**Palabras clave:** Arte Urbana. Ciudades Medianas. Graffiti. Centro Historico.